

UMA ILHA entre os homens

POR José Cardoso Pires

AQUI, no automóvel, a caminho de Tocha, antevejo já um vago cenário desse mundo lúgubre e negro em que vou penetrar. São as areias que se desdobram em culturas razas para os lados da Gândara; é a vegetação, os arbustos frescos e os pinhais raios que escondem a paisagem marítima. À esquerda: é até o ar calmo da planura — é tudo isto a afagar um mistério, um pavor que, aos poucos, tento definir mas que irremediavelmente se vai apossando de mim.

«Não passem pela Estrada!», — diz o povo destas bandas como quem previne o forasteiro duma armadilha tenebrosa. E enquanto deslizo pela recta de alcatrão que toca o mar, o turgido amaldiçoado, recordo essa outra excomunhão que me veio da boca dos indígenas quando, há poucos anos, passeava na Baía de Lourenço Marques: — «Cuidado, síó. Não pára na Ilha. Tem leproso, síó!».

Estava nessa altura perante uma extensão de terras bravas, ericadas em pleno mar contra nuvens razas dum poente africano. Assim, fantástica, a «Ilha» volta-me à memória como uma imagem perdida das gafarias cruéis doutros tempos — um reduto de leprosos que amavam e se reproduziam, isolados, pelo mar e pelos tubarões, do mundo que de longe ameaçavam.

Hoje tudo isto é somente uma mensagem negra de séculos e séculos de bruxedos e desumanidade. As modernas cidades de leprosos erguem-se do pesadelo das superstições atávicas, firmadas em conceitos novos e em bases racionais e dignificantes. Não são já «Ilhas» atiradas para longe do mundo, mas ilhas abertas entre os homens, rodeadas pela compreensão e pelo esforço dos seus.

Contudo o povo permanece agarrado a essas raízes ancestrais que o ultrapassam e dominam. «Não passem pela Estrada!». O pavor da lepra — verdadeiro pavor, porque não dizê-lo? — firmou-se no homem como uma maldição bíblica, uma herança longínqua que se perpetuou no exemplo da grandeza resignada de Lázaro, na memória dos exorcismos medievais quando os burgos eram despertados ao som das matracas dos leprosos e as ruas

«EVA» apresenta hoje um documento dramático sobre os leprosos, que, isolados numa comunidade sem fronteiras, vivem o dia-a-dia dos simples e sofrem o flagelo duma terrível doença. Abriam-se nos vastos terrenos do HOSPITAL-COLÓNIA ROVISCO PAIS, grande obra de Assistência, devida especialmente ao altruísmo do notável português que lhe deu o nome e ao impulso criador de um combatente ilustre da ciência — o professor Bissaia Barreto.

Não pretendeu esta revista uma reportagem espectacular. Um jornalista teria certamente arrancado aquele «trisson» tão do agrado do grande público. Era, porém, o caso humano, simples e significativo, que interessava à «EVA» e por isso foi confiada a delicada missão a um escritor, José Cardoso Pires.

As páginas que se seguem deixam-vos-ão «sentir» o que é a vida desses homens que procuram não só esconder as chagas dum mundo que abandonaram como libertá-lo ainda da ameaça que para ele representam. Tal como Lázaro, renunciaram à vida e foram delo escoraçoados; como ele ainda, muitos têm logrado libertar a carne apodrecida pela grandeza do seu sacrifício.

No momento de lançar a público esta reportagem, «EVA» desejava expressar o seu reconhecimento ao Dr. Manuel Santos Silva, ilustre director do Hospital Rovisco Pais, pelas atenções que nos foram dispensadas.

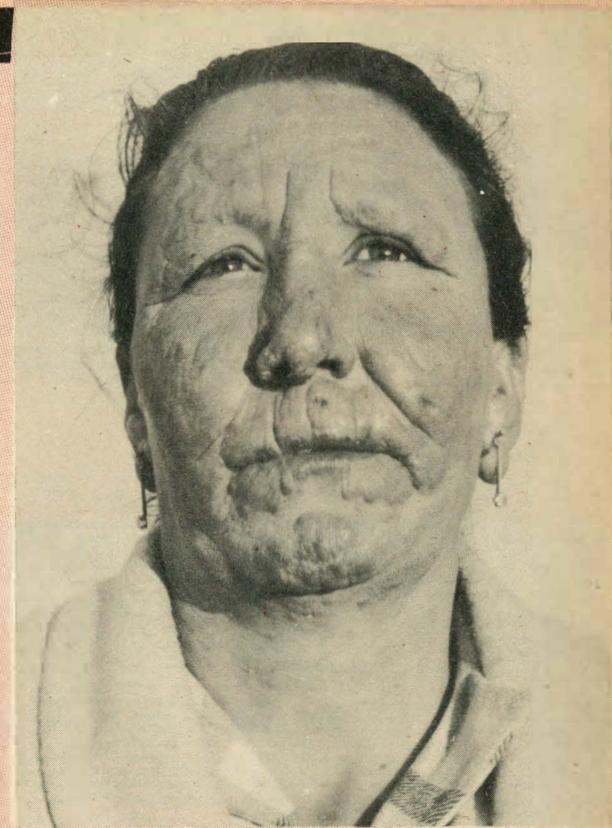
FOTOS DE ANTÓNIO HOMEM CRISTO

se despovoavam à sua passagem. Apedrejado, o lazarento trôpego caía nos ritos da bruxaria, procurando debelar o mal com ervas queimadas, unguento de peconha de víbora, cuspo e azeite bento.

Penso nisto olhando, ao correr da estrada, as casas de Mira, Vagos, os arbustos frescos batidos pela poeira arenosa. No banco, a meu lado, uma revista aberta com passagens sublinhadas. Deito-lhe um olhar breve e recordo, como um conforto positivo: «O problema da lepra pode ser resolvido no nosso país num período relativamente curto e desta possibilidade ninguém deve descreer antes todos devemos contribuir para a sua efectivação...».

Aos solavancos do carro, outras frases me vão saltando aos olhos, nomes soltos, designações tabús que a retina grava quase telegraficamente: «facies leonino... oriunda da Índia e do Egipto... bacilos de Hansen... medicamentos básicos... Promin e Sulfatrone...» Mas nada consegue impor-se ao meu sobressalto latente. Vendo desfilar os campos e a estrada, só uma frase se me firma estranhamente na memória: *A lepra veio da Índia e do Egipto*. Presente e actuante, aparece-me legível, com corpo e forma de letras, acompanhando como uma legenda implacável todas as conjecturas: *Veio da Índia e do Egipto, com as invasões dos sarracenos e as expedições fenícias...*

Olho o conta-quilómetros: setenta e cinco. Só agora dou pelo ruído monótono do motor e pela brisa aliciante que me entra pelas janelas. E o cérebro não pára: *A lepra veio da Índia e do Egipto...*



NO LIMIAR DUM MUNDO DIFERENTE

NUM desvio súbito, um troço arenoso que abandona a estrada, surge de chofre uma cerca ajardinada a abrir uma mata suave, rasgada de caminhos bem desenhados e espaçosos. Ao fundo, emergindo da verdura, um edifício amarelado de proporções equilibradas. Vendo bem, outro ressalta logo mais longe, com uma chaminé enorme



Arejados, duma limpeza rigorosa, os pavilhões dos asilos abrem-se à verdura das matas, batidos pelo sol e rodeados de jardins cuidados e aprazíveis.



«...E encontro-me com Ventura, o carroceiro que regressa do trabalho com o ajudante». O cavalo e o carro são um pouco do mundo que deixou transplantado para aqui.



NOS NÚCLEOS FAMILIARES. «Ver nestes bairros as mulheres a se cercar das portas ou em conversa com as vizinhas é um lenitivo poderoso no meio de tanta apatia...».



Cedo, os dois irmãos se viram afastados dos pais, dos brinquedos — coisas que mal chegaram a conhecer. A doença deu-lhes uma compreensão precoce da realidade, e jamais se afastam um do outro, amparando-se com uma ternura desmedida.



CIDADE DAS PORTAS ABERTAS — Embora íntimo, o interior das casas vê-se do jardim e dos corredores. Portas abertas — para que o ar circule e se evitem contactos inadvertidos...



Gente na maioria inculta, estes filhos de Lázaro têm uma inesperada compreensão do perigo que representam para a sociedade. Daí o escrupulo e a resignação com que seguem os regulamentos médicos.



De aspecto acolhedor, com os seus jardins voltados para a rua, as moradias dos «Núcleos» são, por vezes, habitadas por famílias completas.



«Nem uma ruga, um sinal que nos previna... Estas três costureiras, tão alegres na aparência, aguardam, esperançadas, a hora do retorno à mocidade interrompida».



«Tem 16 anos, e quando a encontro escondo os braços sob o avental. Coíram-lhe as mãos, mas não pode ver já. E no entanto, ao falar tenta ainda sorrir...»

de formas mouriscas rompendo numa base de arcadas. É a cozinha geral que mais tarde verá em pormenor, a fornalha em que diariamente são confeccionadas milhares de refeições.

O carro está agora parado, diante duma cancela, entre dois casinhotos. Pelo pára-brisa, leio: «HOSPITAL-COLÓNIA ROVISCO PAIS» e o distico tem ainda para mim o sabor duma advertência e o ar moderno e lavado da paisagem, certo aspecto de estância de Verão não conseguem desmentir essa suspeita e antes se me representam como um disfarce organizado e subtil, uma «armadilha» de mil tormentos ocultos.

Avisado da visita, o porteiro vem abrir a cancela e o automóvel galga esta fronteira do medo sob os olhares dum guarda florestal. Com o carro pela estrada, que agora faz parte da Terra Proibida, direito à Secretaria onde se encontra o Director do leprosário, volto-me de relance para trás: do outro lado da fronteira o porteiro conversa com o guarda florestal e ambos, assim firmes, parecem-me de pés assentes no mundo real, estranhos ao que do lado de cá se agita e sofre num marasmo de mistério.

Vou demasiado contraído para poder aceitar toda a beleza e a ordem dos arruamentos que se rasmam dum e doutro lado da estrada. Vejo uma ou outra figura. A velocidade moderada a que sigo, procuro distinguir nas duas ou três pessoas que avisto indícios do terrível flagelo. Impossível. Olham o carro de soslaio e seguem destino sem se deterem. Só quatro ou cinco homens que se encontram numa clareira da mata partindo lenha, interrompem a tarefa e ficam, muito emperdigados, a olhar a estrada. A distância a que se encontram não são mais do que vultos humanos, sem as marcas amaldiçoadas, e de tal modo simples e naturais que não sei se se trata de internados ou de trabalhadores de fora.

Mas num cotovelo do caminho, aparecem três homens, por um carreiro que margina o pinhal. De chapéus enterrados, têm o andar e o aspecto dos camponeses que regressam a casa depois da folga do domingo. Um deles traz uma chibata e caminha com mais desembaraço do que os outros. Olho-o, e de revelão chocha-me o facies leonino, a massa informe do rosto chagado. Vinha ali o primeiro leproso!

Apeio-me, espero-os, mais adiante, de máquina fotográfica apontada. E quando volto ao carro sinto-me súbitamente humilhado, rebaixado na minha condição de homem válido: acabara de agir como um caçador armado até aos dentes, protegido pela sociedade, que espera a presa em lugar seguro. E a presa era afinal da minha carne e da minha raça, irmãos meus aviltados pelo infortúnio.

O JURAMENTO DOS FÍSICOS

AGORA que escrevo estas notas, sinto melhor ainda a que ponto o medo e a ignorância alteram e diminuem o homem. O choque que me veio do encontro com os primeiros leprosos que vi, há-de ficar-me pela vida fora como uma lição inestimável. Pouco a pouco, no decorrer das horas que passei nesta leprosnria, o terror animal e egocêntrico foi cedendo a formas mais concretas de defesa, sempre mais racionais e mais humanas. Isto, sobretudo, é que gostaria de poder transmitir a quem me está lendo: a transformação gradual que se vai operando num leproso que de leproso só tem conhecimentos e m p í r i c o s e errados, em face dum mundo como este, apavorante e perigoso.

Por isso procurei pôr de parte importantes aspectos técnicos da magnífica luta que tem vindo a ser desenvolvida pelos serviços do Hospital - Colónia Rovisco Pais. Nada, nem o mais íntimo pormenor foi nela descuidado, e aqui, no gabinete do Director, o Dr. Santos Silva, está à minha vista um complexo centro nervoso duma grande organização. Ficheiros, boletins cadastrais, e atórios clínicos, mapas esta-



«Cruzo-me com uma freira que me saíra de cima de uma bicicleta, uma das vinte irmãs de S. Vicente de Paulo que aqui vivem retinadas no dia-a-dia com os doentes».

tísticos, tudo surge a um rápido movimento para esclarecer a mais inesperada observação.

— Um perfeito e completo tratamento da lepra não poderia ser realizado antes da existência deste hospital.

O Dr. Santos Silva elucida este comentário com uma minuciosa exposição dos processos e dos meios de que se serve o Hospital-Colónia no extermínio desta endemia. Uma foto aérea completa, em relevo a paisagem, a descrição que me vai sendo feita, Esquadrinho com os olhos 140 hectares de terreno autorizado, os sulcos das culturas, o branco das casas, as estradas dos caminhos, e aquilo que a princípio se apresenta confuso e disperso toma, pelas palavras que vou ouvindo, uma ordenação esquemática de plano friamente traçado.

Lá está tudo: a massa escura das matas; o minúsculo aglomerado de telhados que vem a ser edifícios da Creche e da Casa para Educação e trabalho, onde se recolhem os filhos são dos leprosos; mais além, o volume nítido da chaminé da Cozinha Geral; depois a capela das monjas; uma ou outra habitação «particular» duma família de doentes; os pavilhões do hospital...

Falta ali, no entanto, uma linha real que só os esclarecimentos do director do leprosário me puderam revelar em todo o seu significado. Invisível e por princípio ignorada, ela declara-se constantemente nos hábitos e nas leis da Colónia. É um meridiano inflexível que parte das instalações do Hospital, com o completíssimo bloco operatório e termina no «Conventinho» a que se ligam as dependências da Administração. Dum lado as mulheres, do outro os homens.

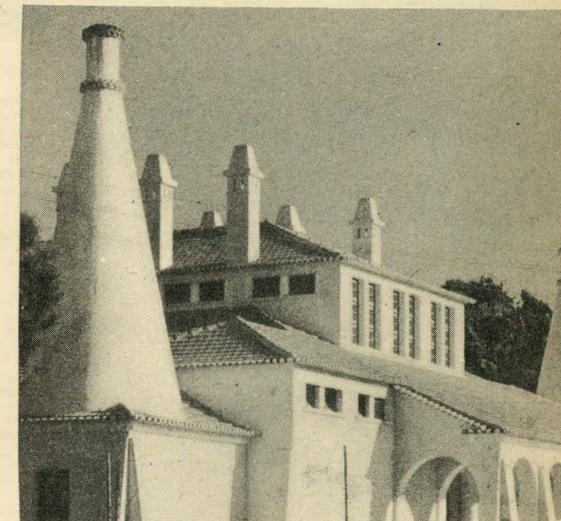
— Os aspectos particulares que acarreta uma separação de sexos num tipo de doença tão pertinente e longa são por vezes complicadíssimos — declara-me o Director.

Nada mais evidente no contacto com os leproso do que um desejo excessivo de recuperação. Recuperação em tudo, no tempo perdido nos sentidos embotados, nos dias que se vão escoando. Este meridiano do amor é-lhes fatalmente penoso. Recalam-no mas têm-no vivo e pronto a despertar nos momentos de fraqueza, e um condenado tem, por força da sua condição, fraquezas e conceitos fatalmente diferentes do homem livre. De modo que lhes é imposto um segundo isolamento e com ele um novo sacrifício para que o mal não alastre no próprio leprosnrio. Foi-lhes fixado uma fronteira que só a razão e a boa fé devem observar, sem que para tanto se lhes pusesse guarda ou limites definidos.

A própria disposição simétrica dos internatos é uma medida prévia e subtil, para que seja observada a separação. As três Casas para Trabalhadores para homens correspondem outras tantas no sector «de lá». A um Asilo de Mulheres, outro em tudo semelhante, desti-



«S QUE NAO QUEREM SAIR — Curada, a Sr.ª Rosa, costureira, saí de vez em quando a ver os seus. Mas quem lhe aceitará trabalho lá fora, depois de ter passado por aqui?»



UM TRECHO DA COLÓNIA — Distribuídas por uma grande extensão, as instalações do Hospital têm aspectos curiosos como o desta chaminé mourisca da lavanderia.



«A estes curados do mundo não bastaria um cientista eficiente. Precisam de alguém que os ampare na complexidade dos seus problemas, por vezes triviais». O Dr. Santos Silva é, simultaneamente, um médico rigoroso e um regedor complacente...

(Continua na pág. 43)

UMA ILHA ENTRE OS HOMENS

(Continuação da pág. 11)

pelo Continente fora, «em antros miseráveis, exalando cheiro repugnante, abandonada pela família». Muitos deles vivem ainda hoje sobre vigilância das Brigadas que lhes fornecem tratamentos gratuitos e os fotografam periódicamente de modo a que o Hospital esteja informado da sua evolução.

A susceptibilidade especial destes doentes exige um cuidado, require tal contribuição afectiva que na prática se afigura ao estranho, prodigiosa de humanidade.

Do gabinete em que converso com o Doutor Santos Silva partem todos os nervos que dão vida a milhares de homens. Cada qual é um problema, um caso de ciência, uma questão de humanidade. Acima de tudo é esse lado humano, a riqueza de abnegação, que me chocam. Nesta cidade podre e relutante ele é muitas vezes bem mais patente e mais forte do que no mundo em que vivemos e que consideramos escorredito e limpo.

CIDADE DAS PORTAS ABERTAS

DEIXO a Secretaria e com ela uma funcionária elegante e bonita que observara debruçada à máquina de escrever. Dia após dia, ela deixa o mundo sem perigos nem pesadelos para vir trabalhar neste pântano e ganhar o pão dosãos.

A caminho dos asilos, por entre áleas de acácias, cruço-me com uma freira que me saúda de cima da bicicleta. É uma das vinte irmãs de São Vivente de Paula que aqui vivem retiradas. Poucos males haverá tão dolorosos como certos tipos de lepra, nenhum por certo mais repugnante aos olhos — e contudo as monjas, como a que passou por mim, são quase todas extraordinariamente belas. E alegres, como verifiquei depois, duma alegria comunicante que só quadra com o ar moderno da cidade em que vivem.

São elas e uma ou outra assistente estagiária que tratam dos doentes, auxiliadas por certas internadas. O tom carinhoso, o desejo de compreensão que lhes repassa dos gestos e das palavras, repete-se igual, sem uma variação, após anos e anos de convívio com os leprosos.

De resto, este é também um traço característico do pessoal válido que aqui trabalha, numa observância estricte e permanente de cuidados para com os outros e de auto-defesa. Invariavelmente se calçam as luvas de borracha para pegar no mais insignificante objecto. Invariavelmente, pelo rodar dos meses, dos anos, é obedecido o preceito de conversar de pé sem se encostar a uma parede ou tocar com um gesto o doente. O contágio é um fantasma que espreita em todo o lado e não só osãos como os mais incultos lázaros que aqui vivem sentem-nó presente e ameaçador. Por esse motivo todas as portas se encontram permanentemente abertas, não vá alguém de fora inadvertidamente tocar-lhes ou abri-las.

De passagem pelas galerias do Asilo, vejo, pois, o interior dos dormitórios, voltados para o corredor. Nos pavilhões dos homens

(Continua na pág. seguinte)

todos os quartos estão ocupados, enquanto que no das mulheres só raramente encontro alguém. A explicação veio-me depois, quando tive ocasião de observar a repulsa dos homens em se deixarem ver pelos de fora, refulgência que nas mulheres é muito menos acentuada.

RECORDAÇÕES DOS DIAS CALMOS

A REJADOS, com uma, duas ou quatro camas, os quartos têm em geral nas mesas-de-cabeceira uma peça de fruta mandada, às vezes, do recanto mais afastado do país, junto duma exposição de santos e retratos de família. Reparo num deles: uma noiva de chapéu, baton e ramo de laranjeira, pelo braço dum moçoito de casaco preto e calça de fantasia. De maneira indirecta, procuro um resto de carinho para uma internada que me observa de entre a porta.

— É seu filho? — pergunto-lhe, indicando o retrato.

Não era. A mulher, uma aldea de lenço negro e blusa de elena, desaparece no corredor para voltar em breves com uma companheira.

— É o homem da menina Rosa — diz então, empurrando a outra que se mostra levemente reservada.

Olho mais uma vez no retrato aquelle rosto agridão de burguezinha esperçada e quase não acredito nas palavras que me chegam da porta, daqueles lábios entumecidos num rosto encaroçado, velho, velho de rugas e de dores: é a menina Rosa.

Tirámo-lo — diz ela — quando casámos. Foi em Braga, vai para cinco anos.

NESTE mesmo pavilhão venho depois a conhecer a Sr.^a Emília — Emilinha, como é por todos conhecida. Na mesa de cabeceira do seu quarto, entre as duas camas, há um aparelho de rádio. A Colónia dispõe duma central-emissora com quarenta retransmissoras que atingem todos os pontos da leprosaria destinada não só a irradiar música como palestras educativas e serviços religiosos, mas a Sr.^a Emília tem um pequenino rádio de seu uso privado que ela cobriu amorosamente com um «têtar» de contrabando.

Solteirona, talvez de uns quarenta anos, é uma pessoa arrumada, tímida e de falas recatadas. Um dos leitões pertence à criada, que contagiou e com quem vivia só, em Leiria. Conversámos no corredor e a Sr.^a Emília tem junto de si uma rapariga, criada, que a acompanha por toda a parte, num hábito que não perdeu de todo. perante um estranho, a Sr.^a Emília não consegue disfarçar uma certa autoridade que os anos de leprosaria não lograram destruir. É a uma pergunta minha responde:

— Sim, tenho a criada comigo.

Não há nisto mais do que um desejo enteneceador de voltar por momentos aos tempos saudosos, procurando convencer-se de que não vive por fatalidade com uma criada, mas que se fez acompanhar dela como qualquer patrão afectado de uma doença passageira numa vulgar casa de saúde.

Coisa semelhante observara antes quando encontrei, de regresso do trabalho, um carroceiro de Olhão, Henrique Ventura, e o seu ajudante.

— Sem mesmo se apaar, o homem contou-me que casara no Hospital do Rego e que já conseguira «amealhar umas coroas».

— É esse camarada? — perguntei, referindo-me ao outro homem.

— Sou o ajudante — rematou este prontamente.

Mas o carroceiro sentiu a necessidade dum esclarecimento profissional, um brio antigo levou-o a explicar:

— Ajeita-se. O primo dele é que era mesmo do arte. Trabalhámos juntos dez anos em Olhão. Mas está pior e veio este a substituí-lo...

UM MUNDO TANTO QUANTO POSSÍVEL SEMELHANTE

COMO tantos outros, o carroceiro Ventura tem aqui a mulher internada. No seu caso, o matrimónio foi contraído depois de declarada a doença em ambos os cônjuges mas acontece por vezes ser primeiramente internado um dos membros do casal e só anos depois se lhe vir juntar o outro, dado que o período de incubação do bacilo atinge por vezes duas dezenas de anos. Muitos destes casais vivem separados por força de razões clínicas, mas grande parte deles fazem na Colónia vida comum. Existem para esse fim «Núcleos Familiares», oitenta e cinco moradias agrupadas em dois bairros.

Não longe delas ficam as hortas com a sua picota ou ceponha debruçada sobre o poço, espantinhos contra os pardais, terrenos que são entregues a famílias leprosas para que os amanhem. O trabalho e o produto das culturas embora a expensas do Hospital-Colónia, retribuem-no doentes que executam o lucro é distribuído pelas pessoas de família que viviam na dependência do internado e em 44 castos pessoais que o mesmo pretenda fazer.

Vê-se assim, às horas de trabalho, um pouco da vida desses camponeses que foram arrancados às terras longínquas em que viviam. E ao cair da tarde carregando lenha em duas caças, de encaio ao ombro, a cainha nos lares, uma multidão de cavadores, pedreiros, carpinteiros, cruza-se com os constantes grupos de cegos que vêm da sua volta habitual na companhia dos guias.

Ver a essa hora as mulheres, de lenço e trajos das mais diversas regiões, ou observadas diante do dia nos bairros, à soleira das portas a tratarem das flores, remetando roupa ou em conversa de vizinhas — ver este esforcado regresso à vida é um lenitivo poderoso para a apatia acabrunhada que reina nos hábitos desta gente.

É um bairro de núcleos familiares que venho a conhecer a Sr.^a Libânia Rodrigues, expadeira de Avintes. Casada de poucos anos, foi tirada ao marido e ao filho «por causa daquele mal», uma doença que começou com «duas pintas negras, uma no nariz e outra na testa, que a haviam de desgraçar para sempre».

— Desde então a família não quis mais nada comigo...

É acrescenta:

— Nem o canário escapou, veja o senhor. Mal me viram aqui expulsaram o animalzinho, com medo que pegasse a doença...

— É o seu marido?

Encolhe os ombros. A cara torce-se-lhe toda, os milhares de rugas que a cobrem vincam-se mais. E que depois dum período de tratamento, o enchaço o os núcleos acamham a ceder, mas a pele, tensa, devido à dilatação, reduzira-se numa confusão de rugas. Pечolhe um retrato do tempo em que deu baixa ao Hospital (o director só com autorização expressa do doente permite que se fotografe) mas está ainda preocupada com a minha pergunta:

— O meu homem? Já lá está com outra, meu senhor.

Segundo me contam, dum modo geral, se é o marido que a lepra atinge, recebe da mulher uma assistência moral e até física que no caso contrário é raramente encontrada. A Sr.^a Libânia parece resignada com esta atitude, mas encara-me demoradamente, com angústia mal disfarçada na voz:

— Mas porque não me escreve ele, senhor? Vivemos cinco anos juntos e uma carta sempre era coisa que não lhe custava.

OS QUE NÃO QUEREM SAIR

NUM pôr do sol calmo e silencioso, regresso da laçoa, nos confins dos territórios da Colónia. Paisagem triste, solitária, de uma manilha de águas ensombradas deslizando de surpresa no extremo dum pinhal. Só, de quando em quando, um bater de asas de patos bravos a quebrar o silêncio. Quanto ao mais, nem viva alma, qualquer sinal da vida amarga que se debate a quilómetros dali nos pavilhões da safaria.

Certa altura já perto das casas, avisto os vultos de duas raparigas que passeiam de braço dado pela estrada. Passo por elas e cumprimento-as. Sorriem-me com ar gaiato e lá ficam, em sussurros e gargalhadas, como duas moças a passearem em confidências de namoricos.

Na verdade, qualquer delas parece sã e escorreita, duma beleza vulgar mas desemparrada. Vi-as pela primeira vez numa das casas dos núcleos familiares, quando se entregavam à costura numa grande sala improvisada em «atelier».

Nem uma ruça, um sinal da doença que prevenisse o forasteiro, mas a presença duma mulher bastante gorda e sem nariz a pedalar à máquina é suficiente para nos precaver de que estamos na presença de duas contaminadas. Costura é já um sintoma satisfatório pois nos estados adiantados o tacto desaparece por completo. Daqui a explicação para o enorme dispêndio de luças registado no leprosário. Mas, aparte isso, havia no grupo de costureiras uma jovialidade inesperada neste mundo de sombrio. Procuro um principio de conversa, qualquer gentileza que vá bem com a mocidade e a beleza das raparigas. Aqui, mais uma vez me engano. Toda a boa-vontade, o desejo de ser, ainda que em reduzida medida, útil, evasai-se por completo perante a que emerge duma situação que não engana o próprio paciente. Digo-lhes que as acho belas e sinto-me envergonhado, falso no meu à vontade.

— Dentro em breve já você volta à terra! — digo-lhe.

Uma das costureiras intervém: — O Sr. director diz que ela já podia lá ir, se quisesse.

— Então porque não vai?

— Não quer — torna a mesma moça. — Diz que só lá há-de voltar quando estiver curada. É de casa do Papai...

— Ora — insiste o rapaz pode esperar. Se fosse a ele, esperava! Não perdia assim uma rapariga tão jeitosa.

Todas soltam uma gargalhada, debruçadas

sobre a costura. Então a moça, que até ali estivera calada, olha-me pela primeira vez de frente.

— Não — diz-me, sem tirar os olhos de mim — Comia não queria o senhor voltar. Não sei o que respondi, não sei mesmo se cheguei a dizer alguma coisa. Senti apenas um enorme vácuo à minha volta e de novo a angústia, a terrível angústia de quem entra neste mundo maldito com a marca impercível da saúde e da alegria de viver dentro.

Cá fora, na rua, troço duas palavras com a Sr.^a Rosa, costureira também, que, embora curada, quer permanecer aqui. De toda esta gente é, por isso, a única pessoa que fala com mais liberdade. É de Febres, a duas passos de Cantanhede, vai frequentemente à terra nas sete ou oito vezes que jamais poderá sair definitivamente para o mundo dos outros.

— É que agora sou daqui. Lá fora... Quem é que me quer agora para trabalhar depois de saber o que passei?

Nem todos os leprosos têm este elevado sentimento de culpa que eu tive. Alguns rememoram-se com o fadário que a sociedade lhe impõe. Há os que resistem, procurando libertar-se seja por que preço for, do calvário do isolamento.

As deserções não são difíceis e, talvez por isso, raramente se verificam. Há poucas semanas, por exemplo, evadiu-se daqui uma parteira, que pela segunda vez tenta fugir ao sacrifício da vida em isolamento e que a esta hora se encontra em qualquer parte do país contactando alguém. Mas que pode representar um perigo para a saúde de inumeráveis casos de abnegação da história deste leprosário?

Na vida quotidiana da colónia surgem constantemente pequenos exemplos significativos que ao estranho não podem deixar de chocar: um velho de dentes caducos, falando com a mão diante da boca para impedir qualquer contacto pelo cuspo; um doente que se aproxima de mim, logo sustido por outro que lhe lembra, com um leve puxão, que sou um homem ileso e que devo ser, portanto, defendido; lázaros que escondem as feridas por pudor; outros que recusam o assento meu, guardando uma distância cautelosa.

É isto que mais impressiona decerto no encontro com a gente escorçada que aqui vim encontrar. Nunca uma comunidade se mostrou a meus olhos tão grandiosa de sacrifício pelo bem comum e tão torçosa para mim uma realidade concreta, uma conquista humana inestimável. Não tenhamos por eles apenas piedade ou medo. Admiremo-los pela coragem que demonstram em nossa defesa e pensemos um pouco em que se nos defendem de males, eles também procuram defender-nos.

FLORES QUE NASCEM DOS PÂNTANOS

POUCO antes de abandonar de vez o leprosário, dou ainda uma saltada à creche, que, nas cercas de todas as idades penduram-se em balouços, saltam e correm por entre os canteiros do jardim. São filhos sem mácula dos leprosos, crianças sãs que, uma vez por outra, beijam os pais através duma grossa chapa de vidro. Imagino um dia de festa entre os filhinhos e chagados e o rosto limpo do riso dum garotito de bibe com uma vidraça a separá-los. Podia ser Lúcia, aquela petiza encantadora, dos rostos mais belos que já vi, com um dos mais deformados leprosos que encontrei nesta visita. Tenho diante de mim dezenas de crianças feridas em ventres minados pelo flagelo, vejo-as agora, esbeltas e alegres, como quaisquer outras. A sua educação começa aqui, afastadas desde o berço dos pais e entregues ao cuidado de religiosas e médicos que atentamente velam por elas. Os pais, esses cumprum tristemente o seu fadário mas sentem que assim foram também úteis, e iguais a tantos outros que tudo deram para que ao menos os filhos viessem ao mundo sem mácula nem inibições.

CRUZU pela segunda vez a cancela, sob um sol quente de Verão. Lentamente entro na estrada e olho mais uma vez a fronteira que acabo de transpor. A mesma paisagem da chegada, a estrada de macadame por entre acácias e pinheiros, mas o pavor, a desumanidade de quem eu julgo teres de ameaçar, não se-me de vez. Penso na gente válida que deixei entregue a uma luta heróica e vejo-me, também mais rico e mais humano. Dentro em pouco o leprosário será inútil, depois de acabada a extraordinária e eficiente tarefa a que se dedicou. Nas terras malditas e fora das proibidas, serão cavadas de novo e o pão que gerarem será comido sem temor nem maldição. Ventura, a Sr.^a Rosa, Emília e tantas outras terão num mundo liberto da lepra a melhor recompensa do seu isolamento. E tu, pequena Lúcia, filha dos grandes, contempe-me. Euerei um dos que não se têm o majestoso prodígio da beleza que saíu dos pântanos negros, um triunfo do homem — vitória da vontade e da criação.